

O INGRATO PROMOTOR DO OBLIVION E A BOA MADRASTA: A MEMÓRIA DA CIDADE DE AREIAS ACERCA DE MONTEIRO LOBATO

João Gabriel Rosa de Almeida

joagabryel@terra.com.br

Resumo: O presente estudo tem como objetivo examinar a memória da cidade de Areias acerca do escritor Monteiro Lobato, localizada no Vale do Paraíba, em São Paulo, onde ele viveu, entre 1907-1911, na condição de promotor público. Destoante das lembranças oficialmente reconhecidas e aceitas pelos brasileiros, seus moradores partilham de uma memória densa elaborada em função de uma leitura distinta da coletânea *Cidades Mortas* (1919). A localidade havia servido de cenário para a criação das fantasiosas e soturnas cidades de Itaoca, Itapuca e Oblivion, nas quais transcorrem suas estórias. A obra retrata a decadência sócio-econômica do Vale do Paraíba quando da expansão do cultivo cafeeiro para outras regiões. Mas as denúncias de Monteiro Lobato em *Cidades Mortas* foram encaradas pelos areienses simplesmente como injúrias aos habitantes e ao município.

Seja como for, nosso estudo oferece oportunidade aos moradores locais de relatarem suas lembranças do promotor Lobato revelando suas versões e inquietações, nos permitindo examinar as projeções, ocultações e esquecimentos do fenômeno da memória.

Abstract: This work intend to approach the memory of Monteiro Lobato writer in the little city of Areias that to be situated in Vale do Paraíba, in São Paulo. This writer lived in Areias between 1907-1911 in the mean while he was prosecutor. Distant from the remembrances officially avowed and accepted towards brasilian. Their resident will divide remembrance developed for a reading compact different from the book *Cidades Mortas* (1919). This city have been served of landscape for the creation of cities imaginaries and gloomies how Itaoca, Itapuca and Oblivion where happen all the stories. *Cidades Mortas* denounce an economic decline of Vale do Paraíba when coffee cultivation starting to be expansive for another countries. But many denunciation of Monteiro Lobato in the book *Cidades Mortas* was been receive for Areias population how offense for inhabitant and municipal district.

In this sense, our work offer oportunity for local resident will relate their remembrance of prosecutor Lobato reveal their version and inquitude. In such case, we can examine the projections and forgetfulness of phenomenon of memory.

Um pequeno grupo de moradores da sossegada cidade de Areias, no Vale do Paraíba, entrevistados por nós entre setembro de 2000 e fevereiro de 2004, cultivam recordações pouco amistosas do insigne escritor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) que viveu no município entre 1907 e 1911 na condição de promotor público. Destoante das lembranças oficialmente reconhecidas e aceitas pelos brasileiros do fecundo autor infantil, muitos areienses partilham de uma memória densa, em parte tributária de uma interpretação distinta do livro *Cidades Mortas* (1919). A localidade havia servido de cenário para a criação das fantasiosas e soturnas cidades de Itaoca, Itapuca e Oblivion, nas quais transcorrem suas estórias. Areias ainda inspirou a *Tia Nastácia*, a cozinheira negra do insólito *Sítio do Picapau Amarelo* que num dos episódios da saga chegou a preparar bolinhos para saciar o apetite de um monstro mitológico em seu labirinto. Há outros "personagens-habitantes" obscurecidos na literatura lobatiana e não recordados pelos areienses: o licenciado *Comendador Clarineta*; o impertinente vendedor de grumixamas; o *Major Isaac*, que acreditavam caçar almas; o andante *Pedro Inchado*, entre outros.

A obra *Cidades Mortas* retrata a estagnação sócio-econômica da região cafeeira do Vale do Paraíba quando da expansão do cultivo do produto, em fins do século XIX, para as terras férteis do "oeste paulista". As reflexões e denúncias do escritor no livro foram julgadas pelos moradores

como insultos a cidade natal e sua população. Em contrapartida, os relatos dos depoentes, envoltos em uma carga emocional muito forte, revidam a alcunha de cidade morta inventada pelo literato para seus debiques ao município. Tais lembranças ganhariam mais um reforço, com a leitura da coletânea *Cartas de Amor* (1965); correspondência de Monteiro Lobato à noiva D. Purezinha, devido às alusões pouco simpáticas à Areias, na época em que o escritor ali exerceu o cargo de promotor público.

Nossas investigações revelaram que os primeiros vestígios escritos de tais recordações apareceram em textos publicados na imprensa, quando Lobato já era um consagrado homem de letras. No início da década de 1930, nas páginas do hebdomadário regional *O Cruzeiroense*, Eurico Pereira Penna assestou críticas ao ex-promotor, por suas atitudes consideradas injustas ao povo acolhedor de Areias. Em 1943, por ocasião do jubileu literário de Monteiro Lobato, ignorando as comemorações, o jornalista Eurico Penna retomou os ataques, com um artigo contundente, em que exigia a retratação do literato quanto ao epíteto de "cidade morta" dado ao seu torrão natal.

Na memória dos areienses a mágoa não se abrandou, com o passar dos anos e a morte do ex-promotor. Nos depoimentos colhidos por nós, Monteiro Lobato é considerado, essencialmente, o arrivista ingrato que não reconheceu a Areias o primeiro emprego e a hospitalidade. Acusado, em suma, de ter contribuído para a decadência da cidade: "*Papai era seu melhor amigo. Mas ele foi ingrato porque veio como promotor, viveu muitos anos aqui, casou, teve filhas e depois fala mal de Areias... cidades mortas, eh!*"

Seja como for, nosso estudo oferece oportunidade aos moradores de Areias de relatarem suas lembranças do promotor Lobato revelando suas versões e inquietações, nos permitindo examinar as projeções, ocultações e esquecimentos do fenômeno mnemônico na medida em que o "*passado estrutura o presente através de seus legados, mas é o presente quem seleciona estes legados, preservando alguns aspectos e esquecendo outros, os quais constantemente reformulam nossas imagens do passado pela recontagem da história.*"²

Alguns de nossos depoentes acreditam que Areias é uma *péssima mãe* mas uma *boa madrasta*, censurando supostos privilégios concedidos por esta aos forasteiros, enquanto seus filhos areienses ficavam a míngua. Muitos habitantes ressentiam-se com o promotor Lobato, posto que ele não recompensou os auspícios da *Madrasta* Areias que havia lhe presenteado com uma sinecura.

Na verdade, o jovem bacharel desejava se casar com D. Purezinha, a filha do Dr. Antônio Quirino, seu antigo professor, com quem jogava entediadas partidas de xadrez somente para esperar o bolinho com café que a tímida pretendente vinha servir. Para tanto, Lobato recorreu ao prestígio do avô, o Visconde de Tremembé, a fim de ser nomeado para uma comarca próspera. Frustrara-se. A influência do velho cafeicultor não atingira seus propósitos. Acabou sendo nomeado, em 4 de março de 1907, com um ordenado de 300\$000, promotor público em Areias, localidade de que nunca ouvira falar: (...) *cento e tantos candidatos para esse ossinho (...). Foi trunfo decisivo uma carta do meu avô ao general Glicério. De lá – de Areias – passarei para uma comarca da Terra Roxa, a terra abençoada onde se ganha dinheiro... E então casa-se.* A sinecura deveu-se às relações do Visconde com o então Secretário de Justiça e Segurança Pública, o futuro presidente Washington Luiz. O ingresso de bacharéis das famílias oligárquicas empobrecidas na função pública através de apadrinhamentos ou "pistolões" constituía uma prática corriqueira na República Velha (1889-1930). Na promotoria, Lobato realizou suas primeiras observações acerca da burocracia brasileira, temática recorrente na sua produção textual, pois, o movimento forense de Areias não necessitava daquela instituição.

A comarca, criada em 1873, causou assombro ao novo promotor: (...) "*Areias, tipo de ex-cidade de majestade decaída. A população de hoje vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio de uma eterna imersão no passado*"³.

O sapé, a samambaia, a saúva devastando os campos; os cafezais extintos, o comércio minguido ao redor da igreja matriz, as ruas fantasmagóricas atravessadas de quando em vez por um carro de boi ou algum cão taciturno, a miséria dos caboclos ebriantes e impaludados descortinam uma Areias decadente. Sua economia assentava-se na produção de aguardente, de cereais e de café, cuja colheita anual atingia cerca de 80.000 arrobas. O movimento comercial do município, distante 12 km da ferrovia Central do Brasil, realizava-se em lombo de burro, pela estrada que

o liga a Queluz. Em 1907, a população totalizava 8.858 habitantes, sendo 4302 homens e 4556 mulheres, superior a de São José do Barreiro, a de Bananal e a de Queluz, cidades vizinhas. A receita alcançava a soma de 8:320\$000 e a despesa 7:360\$000. Areias não possuía periódicos, nem biblioteca e o único teatro estava em ruínas.⁴

Monteiro Lobato enviara cartas nostálgicas à noiva D. Purezinha nas quais descrevia suas impressões da cidade em que viveria por quatro anos, na busca incessante por uma remoção:

"(...) Areias é uma calamidade. Só nela existem três coisas que deixam saudades a quem sai: O Dr. Hermógenes [juiz], a cadeira de balanço dos Müller e o banheiro do Sr. Carvalho [único que possuía chuveiro]. A nossa vida aqui é curiosa; temos duas caras; uma para os Areanos, outra para nós mesmos. Para aqueles vivemos a gabar-lhes a cidade, o povo, a vida social, etc; entre nós, quando ninguém nos ouve, rompemos os diques do desabafo e damos para o diabo Areias, areanos e o mais.⁵

O bacharel Lobato percebeu à reverência ao cargo que ocupava numa cidade agonizante: *"Logo que cheguei fui à berlinda. Fiquei o bicho raro da terra, o fait divers sensacional, a coisa importante, o escândalo do dia. "O Promotor!"*. Ao segundo dia, sem se preocupar com o status e em plena Sexta-feira Santa, saiu à rua relaxado, de calça de brim, sem coletes e sem punhos⁶. Ausente do dedo o anel de rubi, costume ostentado pela tradição bacharelesca. A bordadeira D. Tunica Penna Canova, areiense contemporânea de Monteiro Lobato, testemunhou os hábitos do promotor:

"Eu tinha sete ou oito anos quando ele aqui chegou. Todos esperavam um almofadinha. Afinal, era neto de Visconde. Mas que nada! Suas roupas eram tão simples quantos seus hábitos. (...) ele não largava uma calça branca de linho e andava com a camisa fora das calças, vendendo farinha como se dizia."⁷

Segundo o depoimento dos antigos habitantes de Areias, a maior diversão do doutor Lobato consistia em fazer pilhérias durante os leilões das festas religiosas, sobretudo com as moças. Num desses leilões, Lobato arrematou uma pata por dez mil-réis para uma delas, ainda que esta recusasse a prenda, a fim de vê-la sujar seu elegante vestido branco carregando a ave. Suas relações sociais limitavam-se a cortesias formais e conhecidos cerimoniais. Prestigiado pela população, abrindo o livro de visitas na inauguração da Santa Casa, o promotor não freqüentava, assiduamente, nenhuma casa de família: *"Ele andava sempre a cavalo visitando as fazendas. Só que, ao invés de ficar conversando com os proprietários, ficava horas com os colonos. Nem na sede da fazenda entrava para tomar café. Todo mundo achava que ele era meio pancado da cabeça"⁸.*

Desde a chegada, Lobato acreditava que sua estadia em Areias não se alongaria por muito tempo. Sonhava com uma comarca promissora no oeste ou litoral paulista. Porém, a transferência pleiteada pelo Visconde tornou-se morosa. Enquanto os arranjos para a remoção transcorriam, Lobato decidira elevar seus rendimentos advogando na pacata cidade para contrair matrimônio.

No processo ao qual tivemos acesso, o Dr. Lobato fora contratado para defender a firma Gonçalves & Ferreira da reclamação em juízo de uma dívida de 219\$600 protestada por João da Costa e Sá. Com uma defesa lacônica, não obstante o recurso à habitual linguagem bacharelesca, retórica e erudita dos tribunais, a causa fora vitoriosa. Constavam nas Razões Finais, datada de 18 de novembro de 1907, dois vocábulos curiosos para ironizar as acusações aos seus clientes. O primeiro era "urupês" com o qual dez anos mais tarde batizaria seu livro de estréia nas letras nacionais e o outro, "oblivion", palavra derivada do latim cujo significado é "esquecimento", conferido, anos mais tarde, a uma das imaginárias cidades do livro *Cidades Mortas*:

"(...) Esta ação é um monstro teratológico. (...) As monstruosidades irão brotar como urupês em pau podre, após um dia de chuva. Ilmo. Julgador, vê desta rápida análise, que os Réus tinham razão de, no começo desta, classificar esta ação de monstro teratológico. Não tem pernas, não tem braços, não tem cabeça. E merecia, em vez do oblivion numa estante de escrivão, ir figurar no Museu do Ipiranga, dentro de um alentado vidro de álcool"⁹.

Para superar o fastio, passara a colaborar em jornais e revistas do Rio e de São Paulo. Mesmo casando-se, o marasmo de Areias e a dúvida remoção ainda o entediavam. Em 1909, cogitou a possibilidade de deixar a carreira e dedicar-se ao comércio no noroeste paulista.

A morte do Visconde de Tremembé abalãria a vida soturna do promotor, em 27 de março de 1911. Herdando a fazenda do Buquira, nos recessos da Mantiqueira, abandonou a profissão. Ao partir da cidadezinha, onde nunca mais voltaria, muitos habitantes lembram de seu humor sarcástico: (...) *"Lobato vestiu as filhas de caipira, com o tradicional vestido de chita e uma rodinha de rouge no rosto, retirou e bateu seus sapatos dizendo que de Areias não levaria nem o pó"*¹⁰.

As narrativas memoriais dos moradores entrevistados assumem uma feitura mítica. O mito, conforme concebeu Roland Barthes¹¹, é uma fala, tal como uma frase ou sùmula narrativa, sendo uma criação discursiva localizada no mundo do discurso, da ideologia e do poder. Os mitos têm a função principal de transformar uma intenção histórica em natural, uma contingência ocasional e fortuita em discurso com foros de eternidade. Eles eliminam a qualidade histórica das coisas, que perdem a lembrança da produção de sua raiz nos acontecimentos vividos para se transformar em fala e discurso. Logo, o mito é uma fala que despoltiza, isto é, naturaliza os fatos, não os explica, os deforma, conforme as necessidades daqueles que se sentem impelidos a produzi-los.

Os depoentes elaboraram um mito a respeito da estadia de Monteiro Lobato no município, em nada favorável ao escritor, que sugerimos denominar de "promotor de Oblivion". Despreocupados com a historicidade do livro *Cidades Mortas*, os areienses naturalizaram as denúncias do ocaso urbano em vilanias a Areias:

*"As pessoas mais antigas não gostam dele porque Lobato criticava muito a cidade (...) A cidade não merecia de maneira alguma, afinal, ele foi bem acolhido aqui. Agora, o que ele ficou fazendo aqui eu não sei. Eu acho que ele deveria ser uma pessoa doente porque morou aqui, começou a carreira aqui, fez a vida aqui e saiu falando mal de Areias. Eu não entendo!"*¹²

O escritor é rememorado num homem de feições horrendas, neurastênico, solitário, caçoista, injusto, excêntrico, preconceituoso, orgulhoso, insano e até mesmo morfético. A moradora M.P, em depoimento colhido por nós, relatou que Lobato ao se retirar de Areias ironizou seus habitantes:

*(...) "Vovó contava que vinha gente lá do Tabuão pra cidade de vestidinho de chita com babadinho assim no meio da canela e com lacinho de fita e duas rodinhas de ruge, nem era ruge, às vezes, era papel vermelho. Vai ver que ele achou isso interessante. Sei que quando foi embora daqui, então, vestiu as filhas de caipira, igualzinho a gente do Tabuão, caçoando da cidade. Ele era crítico mesmo! Por causa disso, o povo ficou com raiva dele."*¹³

Mesmo diante dessas lembranças desagradáveis do ex-promotor, em 2000, as autoridades de Areias ergueram nos jardins da antiga cadeia estátuas de Monteiro Lobato, do Jeca Tatu e das mágicas personagens do Sítio do Picapau. Transcorridos dois anos, inaugurou-se uma biblioteca pública batizada com o nome do autor. Houve um esforço da prefeitura municipal para festejar Lobato na categoria de célebre escritor, que produziu alguns textos literários naquela localidade, ignorando os sentimentos de muitos moradores:

*"Não concordo com a construção daquelas estátuas na cidade porque, primeiro, Monteiro Lobato foi, simplesmente, um passageiro promotor público, que nada fazia para honrar o cargo, e aqui vivia esperando o dia de amanhã para se libertar do pesadelo que era Areias para ele; outra, Areias não é o "Sítio do Picapau" para ficar expondo seus personagens e, por último, essas estátuas espalhadas na frente da Câmara parecem estar representando um presépio gigante, apagando a beleza do prédio."*¹⁴

A estatuária embora tenha modificado a configuração espacial a qual a comunidade deveria submeter-se não representou o esquecimento dos antigos arranjos materiais e da memória constituída pelo silêncio dos objetos exteriores que a cercavam. A imagem dos tempos de outrora continuava a subsistir. Os costumes locais resistem.

Os moradores parecem adaptar-se a presença das esculturas públicas que celebram o ex-promotor. Mas, seu desapareço não diminuiu. Nem suas recordações se alteraram. Enquanto os livros *Cidades Mortas* e *Cartas de Amor* puderem ser evocados, os areienses, ao que tudo indica, irão continuar relegando Monteiro Lobato ao oblivion¹:

¹ Depoente Diná Sampaio, depoimento ao autor em 20 de setembro de 2000.

² Jedlowski, "Memory and Sociology: themes and issues", *Time & Society*, vol 10 (1), p.41.

³ Idem. *Cartas de Amor*. p.33

⁴ *Almanak Laemmert (1911-1912)*

⁵ op.cit., *Cartas de Amor*. p.42.

⁶ idem, p.42.

⁷ Flávio Néry, "As aventuras do moleque Lobato", *Valeparaibano*, "Seção Roteiro", São José dos Campos, 25 de outubro de 1987, p. 6.

⁸ Ibidem, p. 6-9.

⁹ Arquivo da Câmara municipal de Areias.

¹⁰ Depoente M.P. (sexo feminino), 82 anos, depoimento ao autor em 12 de outubro de 2001.

¹¹ Roland Barthes, *Mitologias*, Rio, Bertrand, 1989.

¹² Depoimento da moradora Justina Elme ao autor em 18 de setembro de 2000.

¹³ Depoente M.P. (sexo feminino), 82 anos, depoimento ao autor em 20 janeiro de 2003.

¹⁴ Depoimento da moradora Erika Evangelista ao autor em 12 de agosto de 2001.